

Padres relevantes para uma Igreja Relevante

Padre José Fernandes de Oliveira SCJ

Uma viagem pelos seminários e casas de formação do país pode impressionar pelo crescimento das vocações sacerdotais e ao mesmo tempo, deixar-nos pensativos. Serão mais cultos, mais santos e mais compassivos dos que os padres de hoje? Cuidarão do povo? Cuidarão dos pobres e sofredores? Assumirão que enfoque teológico? Fugirão da pregação que pede mudanças no país? Pregarão apenas conversão pessoal e louvor? Conseguem sentir e ouvir o chamar do povo? Sabem o quanto ganham os ricos e os pobres de sua cidade? Conhecem a dor e o desespero dos que vivem sob o poder dos violentos? Conhecem psicologia, sociologia, história, teologia e pedagogia o suficiente para subirem naquele púlpito e dizer coisa com coisa? Têm linguagem própria ou repetem os chavões que ouviram nos retiros e encontros de onde vieram?

Num país onde a Igreja Católica é ainda uma instituição que goza de credibilidade, mas vê e ouve duras acusações contra muitos sacerdotes, qual será a atuação deles? Serão pobres, saberão chegar ao povo? Tomarão que lado? Vestirão o quê? Que marca de carro terão? O que terão nas suas playlists e bibliotecas? Que canções, que livros e de que linha? Quem são seus modelos e mentores? Como oram? O que pregam? O que dizem?

Outra vez o espectro é o mais amplo possível. Vão dos mais

ousados aos mais inseguros, dos mais atrevidos aos mais tímidos, e dos mais informados aos que odeiam livros. Há os inquietos e abrangentes, os serenos e centrados que querem ser padres para toda a Igreja. Há conservadores e triunfalistas. O que podemos esperar deles? Que tipo de sacerdote prevalecerá? O showman de missas alegres e muitas canções, mas de muitos sermões e poucas homilias? Ou o padre sereno de homilia preparada, com conteúdo forte e atualizado?

Prevalecerá o padre de gabinete a quem o povo procura e não acha ou o padre que atende e, além disso, vai lá e ouve as comunidades? Prevalecerá o padre que lê, estuda e se atualiza como fazem os bons arquitetos, médicos e educadores ou o que praticamente não lê? O tempo o dirá.

1. Relevar para ser relevante

Ninguém se torna relevante se não releva. Ninguém releva se não eleva preces, pensamentos e reflexões. Um padre pode e deve ser simples, mas não pode ser simplório. Ele tem que saber explicar o que ensina. E esse tipo de sacerdote jovem ou idoso existe, mas infelizmente muitos outros, alguns até com grande repercussão na mídia, limitam-se a repetir frases feitas, típico de quem não aprofundou e não aprendeu.

Quem pretende falar do papel do padre católico na sociedade precisa bater nessa tecla. Estamos repercutindo? Somos relevantes? Temos dito coisas relevantes ou o que dizemos é tão irrelevante que os fiéis, depois de nos ouvirem vão para casa sem o menor sinal de que aprenderam alguma coisa que valha a pena comentar?

A planície pode ser monótona. Depois de um tempo, qualquer colina se torna um relevo importante. No vasto mar, qualquer ilha é um alívio. O desejo de sair da rotina, do cotidiano, do comum a todos pode ser bom e pode ser devastador. Depende de quem deseja ser relevante e porque o deseja.

Se alcançar relevo é subir um pouco ou muito acima do

comum, o substantivo é relevância e o verbo é relevar. Bem conjugados, servirão à catequese. Mal conjugados, servirão ao indivíduo e ao seu projeto pessoal de repercutir e atingir relevância. Todo mundo quer subir, mas a diferença está em quanto e como. Nada errado em subir ao telhado ou a uma colina para anunciar para mais gente a Palavra de Deus. O erro está na intenção e no que se diz e se faz no intuito de chegar lá em cima e depois que se chegou. Estamos falando de ética da proeminência, ou ética da relevância. Aparecer por quê? Para quê? E com quem?

2. Pelos frutos os reconheceréis

Ninguém se torna sacerdote para se esconder no deserto. Pouquíssimos tiveram esta vocação. Pregadores querem ganhar a mente e o coração do maior número possível de pessoas porque querem ver Jesus amado e conhecido ou porque desejam ser amados e conhecidos? O tempo se encarregará de mostrar o que realmente buscavam. Salomão fez o que fez porque buscava relevância. Para si ou para o Senhor? O tempo se encarregou de mostrar um Salomão que buscava o poder, o luxo, a violência e que acabou adorando os deuses que ele tanto combatia. Elevou-se demais. Foi Jesus quem mais tarde disse que aquele que se humilha acaba elevado e aquele que se eleva demais acaba humilhado (Mt 23, 12).

Altear-se pode ser bom. Elevar-se pode ser bom. Por isso, os templos têm ambão, púlpitos e naves. Mas elevar-se demais é exaltação: altear-se demais. É a esse “demais” que Jesus se referia, de vez que ele mesmo sugeria que nossa “luz deveria brilhar diante dos homens” (Mt 5, 16). Em outras palavras: aparecer, sim; demais, não!

Padre que nunca sofreu e que foge da dor e da cruz acaba fugindo do sacerdócio. Não somos ordenados para levar vantagem. O bispo que nos ordena diz que nos ordena para a segunda ordem sacerdotal. Somos e seremos sempre segundos, a menos

que a Igreja nos chame para o episcopado, coisa que um padre em sã juízo não deveria desejar. Se o fizer, está fugindo do serviço sacerdotal.

O que temos é que buscar a paz interior e a serenidade, dia após dia, conflito após conflito. Não é possível que fiquemos à margem da cruz. Somos aproximadores e quem se aproxima da cruz dos outros não tem escolha, mais cedo ou mais tarde acaba carregando parte dela.

3. Relevantes, mas não estagnados

A Igreja, que é antiga, se quiser ser relevante precisa saber lidar com o antigo e com o novo. Isto inclui o sacerdócio. Por isso, todo sacerdote precisa ser bem informado, culto, sereno e forte, se quiser ser de Cristo. Se não se cuida, há um momento em que o sacerdote se cansa e envelhece não apenas na idade: envelhece no ideal e no discurso. Para de assimilar os novos instrumentos, os novos termos, as novas formulações e as novas linguagens.

A catequese tem que se tornar para o sacerdote uma razão de viver, embora precisemos ter a humildade de não pregar certezas que não temos e nem a Igreja tem. Mas não é tudo relativo. O padre precisa ser afirmativo numa Igreja afirmativa. Padre que não sabe explicar a sua fé não tem como torná-la relevante. Só seu testemunho de vida não basta.

A relevância faz com que se busque a renovação até o fim. Caso contrário, a partir dos cinquenta ou sessenta anos, a linguagem do padre começa a estacionar. Às vezes, também a espiritualidade. Se não for homem de diálogo, de leitura, de trato com Deus, com o povo e com a hierarquia acaba por se perder na mesmice. Nada de novo aparece no seu discurso.

O triste é que a mesma estagnação intelectual e espiritual também acontece com alguns sacerdotes com menos de dez anos de ordenação. Querem ser missionários, mas não veem a hora de deixar de ser aprendizes. Basta olhar suas estantes e ver o que alguns deles andam lendo. Pararam em apenas cinco anos de sacerdócio. Leem quase nada! Com o fim da curiosidade intelectual, vem a estagnação espiritual. Perdem o ideal. No máximo, vivem

para celebrar missas. Bíblia, documentos, encíclicas, livros atuais, nada disso ele usa. Estaciona em algum lugar do seu sacerdócio. Seria natural com o advento da velhice e da enfermidade, mas em muitos casos acontece ainda em pleno vigor dos anos. Não envelheceu nem ficou enfermo: cansou! Perdeu o desejo de uma sadia relevância.

4. Uma luz para os futuros padres

É necessário permanecer na condição de aprendiz. Descobrir a humildade de querer se aprofundar porque ainda sabem menos do que um padre precisa saber para orientar o seu povo. Sua estante está atualizada e os livros estão rabiscados. Deram o coração e a cabeça para Cristo e para o povo de Deus. Isso significa que permanecerão na escola do Coração do Senhor para aprender a pregar a palavra certa, do jeito certo, na hora certa, para a pessoa certa. Aprenderão com o Cristo Mestre a:

- pregar com os lábios: aprenderei a usar a voz e a dicção. Aceitarei ajuda;
- pregar com o corpo: aprenderei a usar a expressão corporal, pois meu corpo pode ajudar ou prejudicar a minha pregação; sou meio desengonçado, mas posso aprender posturas;
- pregar com as mãos: há uma linguagem das mãos, tentarei aprendê-la;
- pregar com os braços: os braços apontam, elevam, dizem coisas. Aprenderei a usá-los;
- pregar com os pés: de vez em quando devo andar no presbitério e nos corredores;
- pregar com os olhos: aprenderei a olhar as pessoas, sem fixá-las. Todos sentirão que olhei para elas e as procurei como irmão;
- pregar com os dedos: há uma linguagem dos dedos. Aprenderei;
- pregar com a roupa: preciso aprender a linguagem da roupa. Nem chique demais, nem desmazelado demais. A roupa tem importância;
- pregar com objetos e sinais: saberei utilizar todos os obje-

tos ao meu alcance, para ilustrar minhas pregações. Usarei até os vitrais e as pinturas da igreja que contam histórias;

- pregar com o livro: usarei sempre, que possível, a bíblia, o catecismo e os documentos para mostrar aos fiéis de onde tiro meus ensinamentos. Alguns deles se animarão a lê-los. Ao menos saberão onde a Igreja falou;

- pregar atrás do microfone: aprenderei a usar o microfone. É mais complicado do que parece. Muita gente não ouve direito ou se incomoda com o mau uso dos microfones nas igrejas;

- pregar ante as câmeras: aprenderei a encarar as câmeras sem ser exibido. Nem timidez, nem exibicionismo. Devo lembrar que estarei falando a multidões. Devo dizer algo aos que veem em suas casas.

- pregar com o uso da pausa e do silêncio: há uma pausa que irrita. Há uma falta de pausa que irrita. Terei que saber usá-las. Nem longa demais, nem curta demais. A pausa faz parte do bom sermão e da boa homilia.

5. O projeto de vida de um padre relevante

O padre relevante para uma Igreja relevante precisa saber o que quer e não ter medo buscar viver as virtudes, mesmo que em muitos momentos precise chorar e se arrepender de suas faltas. Ele possui um projeto de vida aberto ao seu bispo, sua congregação, ao povo, em que o amor de Cristo o impele a amar.

A vida sacerdotal precisa estar ancorada em uma “Certeza de Presença” e não apenas em sensibilidades do tipo “já me vejo presidindo a missa”. É preciso aprender a ter os mesmos sentimentos do Senhor, a vivenciar a ação Sacerdotal de Jesus.

Unidos a Cristo, experimenta-se que não se é solitário, que não se está abandonado. Pelo contrário, também nascerá em nós uma profissão de fé assim como experimentou Pedro: “Tu sabes tudo, tua sabes que eu te amo” (Jo 21,17).

Jesus nos revela e nos ensina a como viver a vida sacerdotal, o que devemos ter no âmbito do projeto sacerdotal e a como nos comportarmos como filho, irmão e livre. Na prática, isso significa

que o futuro ou o jovem padre precisa aprender a ter um coração semelhante ao Coração de Jesus, ou seja:

- que acha tempo para falar com Deus a sós, que gosta de levar seu povo a orar a cantar, que pensa e faz pensar, que leva anotações quando sobe ao púlpito, que faz questão de ensinar liturgia para o povo, que gosta de passar conhecimentos, que traduz em palavras compreensíveis as encíclicas e os documentos da Igreja, da Conferência Episcopal e da diocese, que informa o mais que pode para formar o melhor que pode;

- que lidera e desperta lideranças, que acolhe e apoia todos os movimentos, cada qual no seu devido lugar; que não entrega a paróquia a apenas um grupo ou movimento, ou a cantores de apenas uma linha, que admira a diversidade dos católicos e dá espaço a todas as correntes de piedade e ação que estejam em consonância com a Igreja;

- que lê e até rabisca os documentos, porque pensa em passá-los ao seu povo; celebra com seriedade e sem trejeitos de santo, com santidade sacerdotal fundada na oração e na solidariedade;

- que não tem medo de falar de política, mas não exagera. Não tem dificuldade em se ajoelhar e elevar o Santíssimo, mas não desrespeita as normas litúrgicas. Não inventa liturgias para atrair mais fiéis, não tira o sapato e joga no corredor, não rola no chão e teatraliza demais a sua pregação. Penso em pessoa comedida, até quando ri e faz o povo rir alguma vez;

- que cuida do velho cônego já cansado de 50 anos de trabalho e pioneirismo; que respeita os limites do velho monsenhor; que sabe de seus limites e aceita ser corrigido; não rompe com o velho padre que teve a caridade de chamá-lo para uma conversa. Aceita a sabedoria dos mais velhos;

- que tem domicílio (diocese, congregação), que será fiel às promessas que fez ao seu bispo e aos seus superiores, que não come desmesuradamente, mas é sóbrio e moderado em tudo, como pede Paulo a Timóteo;

- que quando abre a boca, mostra que antes abriu a cabeça: fala do que realmente leu e preparou. Não é doente por mídia. Vai lá e dá o seu recado, mas não tem vocação de mariposa que adora

holofotes. Mesmo quando canta bem, ele preferencialmente passa aos jovens a tarefa de cantar. Cantem eles! Ele os incentiva;

- que não quer ficar rico. Jamais! O que ganha, passa a quem mais precisa. Para ele fica um pouco, suficiente para se cuidar e para fazer alguns cursos de aperfeiçoamento;

- que não perde o contato com a realidade. Se for contrariado ao pedir permissão para desenvolver determinada pastoral, não irá embora. Ficará e esperará o seu momento. Não tem projeto pessoal acima dos da sua ordem, da sua congregação ou da sua diocese.

Nosso Senhor e a Igreja podem contar com ele. Não ficará frustrado se não conseguir tudo o que imaginou para o seu sacerdócio. A maioria dos sacerdotes serenos nunca realizaram tudo o que desejavam, mas foram felizes com tudo o que conseguiram porque em geral receberam mais do que pediram.